

Sobre Humanismo

written by Onofre Varela | 31 de Outubro, 2025

OCIDADÃO
Humanism Live

OPINIÃO
Onofre Varela



Quando se fala em Humanismo, está a falar-se de quê?

Não há uma definição única amplamente aceite de Humanismo, tal como acontece noutros assuntos relacionados com o Pensamento.

Pode haver versões paralelas em cada movimento desenvolvido por pensadores que fizeram as várias épocas que nos precederam, criando variações. Na Igreja essas “variações” são designadas por cisma.

Podemos dizer que os humanistas se opõem à imposição política de uma cultura e rejeitam ditaduras, e que também não pertencem a uma igreja ou religião estabelecida, nem aceitam o uso da violência sob qualquer justificação (aliás, não há justificação para a violência numa sociedade respeitadora do Humanismo).

Uma definição de Humanismo pode ser esta:

“Uma postura de vida democrática e ética na afirmação de que os seres humanos têm o direito e a responsabilidade de dar sentido e forma às suas próprias vidas. Representa a construção de uma sociedade mais humana através de uma ética baseada em valores humanos e naturais, no espírito da razão e na investigação livre. O Humanismo não é teísta nem aceita visões sobrenaturais da realidade”.

Em conformidade com esta definição, os humanistas apoiam a erradicação da fome, as melhorias na saúde, na habitação e na educação. O Humanismo é um conceito que pretende melhorar as condições sociais, aumentando a autonomia e a dignidade de todos os seres humanos, seja qual for a geografia de onde sejam naturais ou onde se encontrem. Rejeita qualquer forma de divindade e defende o bem-estar e a liberdade dos povos perante tudo e todos, com base no respeito da dignidade do Ser Humano.

O conceito humanista também pode ser referido por “Humanismo Renascentista” pelo facto de ter nascido num movimento intelectual e filosófico que floresceu na Europa entre os séculos XIV e XVI, com origem em Itália.

Caracterizou-se pelo interesse renovado na antiguidade clássica, pelo antropocentrismo (o homem no centro do universo) e pela crença nas capacidades do ser humano, influenciando a arte, a ciência e a filosofia.

Este movimento marcou a transição do pensamento medieval para o moderno, promovendo uma visão mais racional e individualista. O termo Humanismo para designar esse resgate dos valores do período clássico, foi inicialmente usado pelo estudioso alemão Friedrich Immanuel Niethammer, na sua obra de 1808 “Der Streit des Philanthropinismus und des Humanismus in Theorie des Erziehungs-Unterrichts unsrer Zeit” (A controvérsia entre filantropismo e humanismo na teoria da instrução educacional do nosso tempo).

No contexto histórico das transformações sociais que marcaram o tempo de Niethammer, o Humanismo surgiu como manifestação cultural de rupturas com a decadência da hegemonia da Igreja e o enfraquecimento do poder papal, a secularização da política, o surgimento das monarquias nacionais com o fim do feudalismo e a renovação da filosofia: portanto, uma atitude positiva para a Humanidade no seu todo.

O movimento trouxe uma renovação no estudo de Humanidades como algo essencial à formação do Ser Humano enquanto universalista.

Hoje podemos constatar que em todo o mundo se vive um mau período para o Humanismo. Não precisamos de ir longe para o verificarmos, pois, por cá, na nossa rua, na televisão da nossa sala, assistimos a práticas políticas anti-humanistas promovidas por uma extrema-direita que alastra como nódoa social ajudada pela ganância pessoal de políticos.

Ganância que é, sempre, alicerçada na ignorância e na falta de memória histórica (mas também pode ser [e é] estratégia do político [que não é ignorante, só é ganancioso], para tentar conseguir a vitória da sua ganância baseada na sua desumanidade).

Com a sua retórica, os anti-humanistas convencem os eleitores menos atentos que também se deixam apanhar pela sua própria ganância típica do miserável que, destituído de moral humanista, quer ultrapassar o seu vizinho e eliminar o imigrante... mas nunca deixando de ser, no pensamento e na atitude, o miserável que realmente é... por muito dinheiro que tenha... mas habitualmente é pobre. Na conta bancária e no pensamento.